

Episódios

O formidável Lica

O sino da torre da capela da Nossa Senhora do Ó de Aguim bateu três vezes, e o som das horas cobriu em três ondas sucessivas o casario prolixo, até se desvanecer em silêncio nos pinhais e olivais derredor. Bateu três vezes e calou-se. Dentro em breve repetirá as três badaladas, entretanto, tanta coisa se passará, mas o sino ignorará tudo, porque para ele serão ainda três horas da madrugada. Um vulto na noite. Um vulto mal distinto na noite lúgubre que deixava a palidez da lua iluminar a rua da Portela, ou escurecer, porque ainda não nasceu quem saiba ao certo quando é pouca a luz ou muita a escuridão, ou vice-versa. O vulto é de um homem que espera alguma coisa ou alguém, com ar ameaçador, ou assustado; que a coragem e o medo distinguem-se tão bem uma do outro como vimos que acontece com a luz e a escuridão.

A pequenos espaços de tempo, vão aparecendo outros vultos, estes sobressaindo da escuridão como fantasmas, devido ao manto branco com que se cobrem, que esvoaçaria ao vento, se houvesse vento, mas naquela noite iluminada, ou escurecida, pela palidez da lua não bulia a menor aragem para que desse modo a cena de um crime que estava prestes a acontecer tivesse a maior carga dramática possível.

Um a um, os embuçados vão saindo dos becos e ruelas adjacentes, empunhando varapaus e cercando o vulto no meio da rua da Portela. Só depois aparece uma figura formidável, de rosto descoberto, apenas envergando um barino e com uma enorme moca na mão, de onde nascia um verdadeiro espinheiro de pregos. Era o temível e tão admirado como odiado Lica.

Esta é a história fantástica e lendária do rei dos embuçados de Aguim. Passou de ancião para jovem e depois esperou que o jovem se tornasse ancião e passou para outro jovem, de geração em geração até chegar a minha vez de a contar aos jovens de hoje.

E embora não bulisse a menor aragem, quem conta esta história jura que a aba do seu varino ondulava ao vento. De tudo quanto se sabe sobre ele, poucos são os que acreditam em metade do que se conta, como sempre acontece com as figuras que superaram os seus pares. A imaginação dos espíritos mais criativos fantasia o que não se sabe de fonte segura e a inveja dos medíocres e dos covardes tenta diminuir a importância dos feitos que temem ser verdadeiros porque os menorizam a eles.

Diz-se que, quando uma junta de bois não conseguiu tirar de um atoleiro o carro que puxava, o Lica desatascou o carro; empurrando o carro, a carrada e os bois. Diz-se que um dia fez uma aposta com um lavrador abastado, prometendo que levaria às

costas para sua casa uma pipa cheia de vinho se o lavrador lhe oferecesse, e o lavrador incrédulo aceitou o desafio e perdeu assim uma pipa do seu melhor vinho.

Dizem-se do Lica mil e uma coisas em que não acreditamos, porque a maior parte de nós são pessoas medíocres que usam a incredulidade para esconder a sua mediocridade, a sua cobardia, a sua falta de aceitação das coisas, pessoas e fenómenos que transcendem a insignificância das suas vidas desinteressantes.

Era essa figura temível e fantástica que saiu da rua do Chães de S. Miguel e caminhou a passadas calmas mas seguras até ao meio da rua da Portela e que depois se virou para olhar de frente o vulto que há pouco poderia parecer assustador mas que repentinamente se tornou na silhueta insignificante de um homenzinho assustado. O Lica era um homem olhando outro homem, mas o Lica era maior do que o homem que era, porque, na verdade todos os homens têm um valor diferente daquilo que são e que aparentam, todos os homens ganham valor, ou perdem, pela história que vão construindo de si e que os acompanha pela vida fora, e até para além da vida, como se vê por este relato. De um lado, um vulto de homem mediano, que a palidez da lua não deixava reconhecer, que tremia de medo, rodeado por quatro embuçados que lhe impediriam a fuga. Do outro lado o colosso de moca ornada de pregos, de cujo rosto se via apenas o branco dos olhos, mas que qualquer habitante de Aguim reconheceria como sendo o lendário Lica.

A coragem do homem acossado, afinal, seria digna da maior admiração, não fora o peso no bolso que lhe fazia descair um pouco o casaco para a direita, o peso do revólver de cão recuado que sobre a coxa lhe dava a garantia de aqui, hoje, nesta noite lúgubre, lhe saldar a dívida pela humilhação de que fora vítima ao ter-lhe sido furtada a pureza da mulher prometida, decerto à força, por aquele brutamontes que agora enfrentava.

Os quatro embuçados que o rodeavam, imobilizados pela consternação de um massacre já inevitável, encostavam-se às paredes das casas que ladeavam a cena, com remorsos antecipados por participarem no confronto desigual entre aquele algoz e tão débil criatura.

O Lica deu o primeiro passo devagar, deu o segundo passo mais rapidamente e prestes a lançar-se sobre a sua presa, ergueu a moca cheia de pregos. O sino da torre da capela da Nossa Senhora do Ó de Aguim, que dá as horas sempre em duplicado, bateu de novo três vezes, fazendo vibrar o seu bronze vigoroso e lançando por três vezes de novo as ondas sonoras sobre o casario prolixo da velha vila, até que o som e o eco do som se ve-

nha a perder, agora definitivamente nos pinhais e olivais derredor.

Que não se estranhe que tanta coisa se tenha passado entre as duas vezes que o sino deu as três horas, como se quisesse apagar tudo o que se passou entretantes, tal qual acontece tanta vez com a indiferença dos homens a respeito das coisas que não entendem ou não são capazes de valorizar. Não se estranhe, porque, contrariamente, a nossa memória das coisas tende a dilatar os acontecimentos dramáticos que vivemos, e a memória de muitas pessoas, como as que transmitiram estes acontecimentos no decurso de mais de um século, tende a dilatá-los proporcionalmente.

Na verdade, tudo o que aconteceu, aconteceu entre as duas vezes que o sino deu as horas, e é de estranhar que tanta coisa se saiba. Aquele vulto, depois de consumir a sua vingança, há de fugir para o Brasil, mas antes esconder-se-á das autoridades num tonel vazio de postigo trancado, aonde a sua irmã fará chegar pelo batoque a comida e a bebida para ele sobreviver durante um mês. O que ele fez ao que o corpo não aproveitou e sempre tem de expelir, não sabemos; são pormenores que agora também não deixaremos que venham estragar a nossa história. O sino deu a terceira badalada, o Lica já se lança sobre a vítima desgraçada, a última onda sonora ainda não se perdeu pelos pinhais e olivais derredor e já outro som desassossega o ar desta noite lúgubre, em ondas mais rápidas, por se tratar do inconfundível estampido de um tiro que atravessou o coração de touro do embuçado mais temível de sempre. Mas isso não o fez parar. O Lica morreu correndo atrás do seu miserável matador por mais de dez ou vinte metros, conforme a credulidade de cada narrador.

Esta história acabou, já há muito que não vive ninguém que tenha conhecido os seus personagens, já são muito poucos os que ouviram falar dela. De ancião para jovem, de geração em geração esta história chegou até aqui, e entretanto, este povo, a quem alguém atribuiu brandos costumes, viu assassinar um rei, o seu sucessor, um presidente, um primeiro-ministro e o seu ministro da defesa, além disso, manteve uma guerra em três frentes do outro lado do mundo durante mais de uma década e por fim, não contente com estas reviravoltas que deu à História, fez uma revolução para começar tudo de novo. Agora luta arduamente para sair de uma crise económica e civilizacional em que nos colocaram os medíocres e covardes. Porém, este povo pode não descender de homens como o Lica, mas descende seguramente de homens capazes de dar reviravoltas à História. Cuidado ó medíocres e covardes!

Versão áudio para deficientes visuais no Elo on-line deste mês

Por MCBASTOS
mcbastos@outlook.pt



Editorial

Solidariedade, Luta e Confiança

A época que se avizinha é, para a ADFA, um momento festivo e de celebração. O ELO comemora 43 anos de publicação ininterrupta, com iniciativa inédita e sempre revigorado pelo ideal que o fundou, pelas mãos do seu primeiro director, o nosso camarada, associado António Calvino.

Se o tempo é de festa é também momento de reflexão sobre o mundo, o nosso País, e a situação vivida pelos cidadãos portugueses, nomeadamente os deficientes das Forças Armadas. Esta reflexão, fazemo-la tendo como ponto de partida dois grandes valores: Solidariedade e Confiança.

Recebemos a solidariedade dos cerca de oito mil atletas participantes na 5ª Corrida Montepio, numa iniciativa em que a Associação Mutualista Montepio fez da ADFA entidade beneficiária. A ADFA não se cristaliza acolhendo essa solidariedade e, em plena cerimónia no pódio, endereçamos a nossa solidariedade às vítimas da catástrofe que os fogos originaram em Portugal.

A ADFA está solidária com os deficientes militares abrangidos pelo DL 503/99, de 20NOV, tendo em conta que os factos que deram origem aos processos ocorreram durante a Guerra Colonial, ao serviço da Pátria.

Mas a Solidariedade tem mais força se os seus alicerces tiverem a solidez da Confiança, numa Luta permanente.

O Futuro exige-nos essa Confiança. Uma confiança dos associados no trabalho contínuo da ADFA, junto dos Órgãos de Soberania e entidades civis e militares. Uma confiança da ADFA no Parlamento, na expectativa de que as questões legislativas suspensas até ao final do OE 2018 sejam então aprovadas e resolvidas, entre as quais a proposta da ADFA, plasmada no Projeto de Lei n.º 456/XIII. A confiança da Associação no Executivo, com cujos governantes tem trabalhado as suas reivindicações e de quem regista forte empenho.

Preparados para reforçar a nossa Solidariedade, reafirmamos também a nossa Confiança de que o Orçamento do Estado para 2018 garanta a melhoria das condições de vida de todos os portugueses.

Confiamos também que em 2018 sejam reparadas as injustiças que afetam todos os deficientes militares, para com quem Portugal tem uma dívida que ainda não se encontra completamente saldada.